



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura dos alunos do programa Mova Brasil**

Nova Iguaçu-RJ, 14 de junho de 2006

Minha querida Maria Isidora da Silva, essa senhora que eu entreguei o certificado, essa senhora de 82 anos de idade. Mas eu queria apresentar para vocês, eu queria saber se pode vir aqui na frente a nossa querida Maria de Lourdes, ela deve estar sentadinha aí. Essa jovem tem 105 anos de idade e ainda não terminou o curso, mas essa jovem sonha em continuar estudando. Ela pode sentar aí na frente.

Sobretudo para a juventude brasileira: quando uma senhora, que não teve oportunidade na vida, atinge 105 anos de vida e tem a primeira oportunidade de voltar a estudar e aceita ir para a escola, com o entusiasmo de um adolescente, é um aviso aos adolescentes brasileiros. Vocês não podem desistir, vocês não podem perder a esperança e vocês não podem desanimar nunca, porque a vida de vocês está começando. E vai depender muito o que vai acontecer neste país, no século XXI, da geração que hoje está com 18 anos, 19 anos, 20 anos, e das crianças que estão nascendo.

Então, a dona Maria de Lourdes deveria servir de exemplo para todos nós, ela é como aquela propaganda que foi feita na televisão: ela é brasileira, é pobre, mas não desiste nunca. Ela está aí, acreditando que é possível.

Quero agradecer ao meu ministro da Educação, Fernando Haddad,

Quero agradecer ao nosso querido prefeito Lindberg Farias,

Quero agradecer ao senador Marcelo Crivella, que tem nos dado um apoio muito grande no Senado,

Quero agradecer à deputada federal Jandira Feghali, ao deputado federal Carlos Santana, ao deputado federal Jorge Bittar, ao deputado federal Fernando Gonçalves, ao deputado federal Luiz Sérgio, ao deputado Sandro



Matos, ao deputado federal Reinaldo Betão,

Quero agradecer aos prefeitos Artur Messias, de Mesquita; Farid, de Nilópolis; Rogério do Salão, de Queimados; Uzias Mocotó, de São João do Meriti; Godofredo Pinto, de Niterói; Alfredo de Oliveira, de Quatis; Aparecida Panisset, de São Gonçalo,

Quero agradecer ao nosso querido, e eu queria pedir para ele, sim, porque se não fosse o dinheiro da Petrobras... uma salva de palmas ao presidente da Petrobras, o nosso companheiro José Sérgio Gabrielli. Quero, aqui, pedir uma salva de palmas, porque ele falou, aqui – e vocês estavam cochichando, aí, não ouviram direito – ao nosso presidente da Federação Única dos Petroleiros, o companheiro Hélio,

Quero agradecer ao nosso querido Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire,

Quero agradecer aos vereadores aqui presentes,

Quero agradecer à imprensa,

Mas, sobretudo, eu quero agradecer à Cecília Geralda Gonçalves da Silva, que foi a nossa oradora da turma, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os formandos do Projeto Mova.

Gente, eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler. Eu vou conversar, se me permitem, eu vou conversar um pouco com vocês. Primeiro, eu queria dizer ao povo da Baixada Fluminense, que estejam certos que está acabando o tempo em que a Baixada Fluminense era tratada pela imprensa apenas como uma região geradora de misérias e de delinquentes. Quero que vocês saibam que esta região aqui é uma região pobre, mas é uma região de gente honesta, trabalhadora, gente decente, que quer criar os seus filhos com a maior dignidade. Quero dizer ao povo da Baixada Fluminense que o que nós estamos fazendo aqui não é nenhum mérito não, é obrigação nossa fazer as coisas para o povo pobre porque, afinal de contas, o governo federal



não produz dinheiro, quem produz dinheiro é o trabalho, e o dinheiro tem que ser devolvido para quem trabalhou neste país.

A terceira coisa é que vocês têm um prefeito muito esperto. Cada vez que ele fica ali falando de programas, cada vez que ele fica ali falando das coisas, eu sei que, na semana seguinte, ele estará pedindo uma audiência para pedir dinheiro para mim, eu sei disso. Quero dizer a todos vocês que nenhum prefeito da Baixada Fluminense, independentemente do partido que ele seja, deixou de ser tratado por mim com respeito e com seriedade. Embora eu olhe a cara do prefeito, o que eu estou vendo é cara do povo e não a cara de um prefeito ou de um governador, porque nós temos mandato, ele acaba logo, mas o povo continua.

Eu sei que o povo da Baixada sofre, sofre para ir trabalhar. Eu sei de um tal de um viaduto aqui, que ele está precisando de uma verba, o viaduto de Posse, já veio no avião, no meu ouvido ali: “Presidente, eu não posso anunciar?”. Não pode anunciar. Vamos primeiro trabalhar o projeto e, se esse viaduto de Posse for para resolver o problema ou um dos problemas do povo da Baixada Fluminense, podem ficar certos que esse trecho que ele está pedindo vai sair, podem ficar certos. Nós vamos discutir com o Ministro dos Transportes, com o Ministro das Cidades e vamos ver se a gente resolve isso. Eu só não quero prometer antes de conhecer o projeto, antes de conhecer o custo do projeto.

Mas eu quero dizer mais. Eu sei que aqui tem homens e mulheres que levantam quatro e meia da manhã para ir trabalhar, andam a pé, amassando barro. Quando ele me falava dessas pessoas que colocam plástico no sapato, eu me lembro, eu morava numa rua chamada rua Verão, não era uma subidinha não, era uma pirambeira desgraçada de barro vermelho. Eu tinha uma galocha velha, eu levantava de manhã, colocava a galocha, chegava numa padaria onde já tinha asfalto, tirava a galocha, embrulhava no jornal, levava para a fábrica, lavava a galocha, trazia a galocha no ônibus, descia do



ônibus, colocava a galocha e chegava em casa com a galocha entupida de barro e a barra da calça entupida de barro. Eu sei a vida do povo pobre deste país, eu sei como é que o povo sofre neste país, porque eu sou presidente agora, mas eu não fui presidente a vida inteira. Eu sou presidente há pouco tempo e sei como é que esse povo sofre. É por isso que tem algumas pessoas que ficam quase que transmitindo ódio nos discursos deles contra nós. É porque eles sabem que se eu tiver que escolher entre eles e o povo pobre, eu vou ficar com o povo pobre deste país, que é quem trabalha, que é quem produz, quem gera riqueza. Eles sabem que eu não tenho duas caras, eles sabem que eu tenho um lado e eles sabem que, embora eu tenha que governar para todos, tenha que governar para o empresário, tenha que governar para a classe média, porque todos são brasileiros, eles sabem que eu tenho que priorizar a parte mais oprimida da sociedade, a parte mais fraca da sociedade, que são mulheres e homens pobres deste país, que são a maioria deste país.

Mas hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro. Posso dizer para vocês que hoje é um dia de festa para o Rio de Janeiro, não apenas porque eu estou aqui numa festa com a Petrobras, com a Federação dos Petroleiros, com os nossos prefeitos, com o Gadotti, do Núcleo Paulo Freire, com o Fernando Haddad, com os deputados, e estou aqui com a dona Maria de Lourdes, não é só por isso, não. Essa é uma coisa fantástica, porque alfabetizar uma pessoa significa você tirar a pessoa da escuridão e colocar a pessoa para aprender a ler.

Eu me lembro – vou contar um caso para vocês – minha mãe era analfabeta, morreu analfabeta. A minha mãe pegava um ônibus, ia para a Praça da Sé, em São Paulo, na verdade ia para a Praça João Mendes. Às vezes, a coitada se perdia porque não sabia ler a palavra Vila Carioca, e tinha vergonha de perguntar para quem estava no ponto, se aquele era o ônibus dela. E ela ficava tentando esperar o ônibus pela cor, era um ônibus vermelho com uma faixa branca, mas não tinha só ele com faixa branca e, às vezes,



pegava ônibus e ia para outro lugar, não ia para casa.

Então, quando vocês entram na escola, que aprendem o bê-á-bá, o mais nobre de tudo isso não é aprender o bê-á-bá, é que a alfabetização está estendendo uma mão para vocês e dizendo: vamos continuar na escola. Vamos continuar na escola, porque, no meu governo, dinheiro colocado em escola não é gasto, é investimento. Gasto é dinheiro colocado em cadeia, gasto é dinheiro gasto em prisão, em escola é investimento, porque cada menino ou cada menina, cada homem ou cada mulher que aprender a ler e a escrever, que aprender uma profissão, eles vão ganhar a sua independência, sua independência profissional. As mulheres vão ser mais livres, não vão ficar dependendo de esperar o salário do marido em casa, elas vão trabalhar e vão viver com o seu salário. E quando a mulher é independente, ela é mais livre, ela anda de cabeça erguida, ela não tem que ficar pedindo 10 reais para o marido para comprar uma peça íntima, para comprar coisas, ela trabalha e ela compra com o seu salário.

É por isso que nós queremos que vocês estudem. É por isso que nós estamos criando mais universidades, é por isso que estamos criando mais escolas técnicas, é por isso que aumentamos para nove anos o tempo de permanência na escola das nossas crianças. E é por isso que vamos, com outras empresas, como a Petrobras, fazer o que estamos fazendo aqui, para ver a cara de vocês. Não tem idade para a gente conquistar o prazer pela vida, não tem idade para a gente conquistar a nossa independência.

Uma mulher de 105 anos de idade, sair da sua casa para vir aqui participar de uma festa dessa, ela me disse o seguinte: “Presidente, volte para Brasília, porque vale a pena a gente acreditar no povo deste país, porque vale a pena a gente acreditar que este país tem jeito”.

Uma outra coisa importante, gente, é que eu vim hoje anunciar, no Rio de Janeiro, com a Petrobras, nós viemos lançar a pedra fundamental de uma obra que vai começar a ser construída em janeiro, que é um investimento de 14



bilhões de reais, num Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro. Vocês vão perceber que nós vamos mudar a cara do Rio de Janeiro, serão milhares e milhares de empregos que serão criados neste estado, será a redenção da cidade de Itaboraí, de São Gonçalo, mas será também a extensão, porque atrás do Pólo Petroquímico virá dezenas ou centenas de outras empresas que irão se instalar nas cidades periféricas do Rio de Janeiro. E a gente vai perceber que o povo pobre começa a ter o direito de comer três vezes ao dia, o povo pobre está percebendo que a comida está mais barata nos supermercados; o povo pobre está percebendo que o material de construção baixou muito, que o cimento baixou muito, está percebendo que a inflação está controlada. Quem é que não lembra, aqui, que há 20 anos, a inflação era 80% ao mês? Hoje ela está 4% ao ano, significa mais dinheiro no bolso do povo trabalhador. Lógico que a gente ainda não pode fazer tudo, porque só Deus conseguiria consertar, em quatro anos, o que não foi feito em 500 anos, só Deus. Mas nós vamos fazer – e tem muita coisa para acontecer – eu quero dizer para vocês que saio daqui mais convencido do que quando cheguei de que vale a pena a gente gastar dinheiro para ajudar o povo pobre deste país.

Outro dia eu fui numa cidade inaugurar o Programa “Luz para Todos”, uma senhora de 107 anos de idade nunca tinha visto uma luz elétrica na vida dela. Quando a gente leva luz na casa de uma pessoa, a gente está tirando a pessoa do século XVIII e levando para o século XXI, nós estamos tirando as pessoas das trevas, estamos dando luz para as pessoas.

Eu vi uma moça levantar a placa do ProUni ali, está ali Fernando. Eu queria, minha querida jovem, agradecer pela lembrança, porque o ProUni é uma revolução da educação brasileira. Nós colocamos 203 mil jovens da periferia deste país, pobre e de escolas públicas, que jamais poderiam estudar numa universidade, para estudar de graça. E isso é extremamente importante, porque eu digo sempre o seguinte: eu tenho cinco filhos, a maior herança que um pai, a maior herança que uma mãe quer deixar para um filho, não é dinheiro



não, não é um carro novo não, não é uma casa, a maior herança que um pai pode deixar para os seus filhos é a sua formação profissional. É ele poder se formar e ser dono do seu nariz, andar de cabeça erguida neste país, arrumar emprego em qualquer lugar do Brasil ou em qualquer lugar do mundo. E, lamentavelmente, os pobres estavam proibidos de ir para a universidade brasileira, como os pobres estavam proibidos de ir para as escolas técnicas, porque em 98 nós tínhamos o ministro da Educação que mandou para o Congresso uma lei tirando do governo federal a responsabilidade pelas escolas técnicas. Sabem por quê? Porque ele já tinha aprendido a sua profissão e ele não sabe o que significa uma profissão para uma menina ou para um menino pobre deste país.

Portanto, eu quero dizer para vocês que eu saio daqui, vou para Brasília com a alma lavada. Primeiro, porque eu vi a cara de vocês, segundo, porque cada vez que eu me encontro com vocês, eu fico pensando assim: quando que o Brasil já pensou que tivesse alguém com a cara deles, alguém vivido com eles, alguém nascido do meio deles chegando à Presidência da República? Então, vocês podem saber de uma coisa, eu sei que nós temos muito para fazer. Então, eu queria dizer para vocês, nós temos muita coisa para fazer. Agora, eu queria pedir para vocês uma coisa, gente, não desanimem nunca, faz 43 meses que o emprego cresce neste país, depois de 20 anos sem crescer. Na década de 80 e 90 o Brasil quase não gerou empregos, faz 43 meses em que todo mês a gente tem um saldo positivo de emprego com carteira profissional assinada.

E quando a gente faz justiça aos mata-mosquitos, a gente faz justiça e nós sabemos que temos que fazer justiça com outros trabalhadores que foram mandados embora, porque um dia este país elegeu um Presidente da República que achou que era deus e começou a mandar servidor público embora, de tudo quanto é lugar, a mandar embora, a tirar trabalhador. E nós precisamos recuperar, porque se tem uma coisa sagrada na vida de um ser



humano, é o direito de trabalhar. Não tem nada que dê mais orgulho a um homem ou a uma mulher do que trabalhar e, no final do mês, levar para casa o sustento da sua família às custas do seu trabalho.

Este país, meus companheiros, este país sem analfabeto, este país com emprego e este país com dignidade, fiquem certos, nós haveremos de construí-lo. Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês e boa sorte.